



cadáver X

queria eu rever a fenda
em tua boca diz o naufrago a caminho
poderei então a sinceridade lancetada?
metabólica fecho
rapidamente os olhos
a máquina mascarada acende suas musas
cavalos anêmonas toada samambaias
mulher-ave descortinada em voos
olor quente a deixar cair
as coisas de suas maldições
queria eu rasgar a mostra
das entranhas encardidas
dizer a fadiga dos cascos em teu quarto
salvo-te, desligo a margem
disso de dizer: areias
cala-te, cunha com trocas lídimas
deixa que eu rápida, sem sentido
eu vá fugindo pela contramão

de volta pelo caminho
errarás a mesma

inventário de títeres

livro à prova d'água
espessura aquosa

inundações cataratas marujos
caramujas lancinantes

resmas polidas com alicate e arreo
cavalas com valas
nas coxas

riso casco grinalda

inventário alfabético dos mortos
adão susanah
livro de nascimento

páginas pulsam e sangram
designo léguas, libreto a pequenas estrelas

peixe-pêssego

rugir sulfúreo
(ferormônio)

dúctil exumação
dúctil esteio de manobras e ardis
persuadir com laços
o declivoso labor, campos
de inquirição, dos beiços

lábios diletos

As Três Graças
(A Coroada de Rosas. A Coroada de Mirtos. A Coroada de Espinhos)

depois

do primeiro dia
em claro
caminhar em direção
à descida desconhecida
despertar para a noite
como quem abre uma página

às escuras
enquanto isso

aguardar o tempo decantar

vagaroso
sobre os corpos
(recolher qualquer resquício
de espera & bruma)
guardando
o segredo da véspera
para que junto ao mar
dissolvam-se as palavras
já cansadas de ferro e
fogo

logo em seguida

esgarçar com faca e
foice
o que restar
da palavra tempo
deixando ao aberto
sempre junto ao mar
quarando
para que acumule
ao relento
por dentro de suas escamas
sal, sol, cheiro de alga
e entranha de peixe

quando

na sequência que surgir
das primeiras imagens
(em preto e branco)
conseguir captar com as mãos
os feixes de contraste

ressaltando as variações
cinza preto queimado
dourado prata e cobre

nesse interim

duas mulheres
(apenas impressões vagas)
olham-se no espelho

às cegas

já sem saber quem
a profundidade
de qual em pedra
afunda o mesmo retrato
em água movediça

bem depois
– caminhando
sempre devagar
pelas margens –
voltar à imagem
do espelho

cadáver II

teus dedos-folha deflorando a paisagem
este é o lugar, são estas as mãos
o porto entretecido
a esperar-te, disseste, quando nascer o encontro
as relações como são a três
escrevias entre os dentes e a espera - enquanto
ela com o dedo incendiado e tu a apontar as
feridas, nessa hora,
ela olha-me e diz: trago de presente
uma coisa toda branca embrulhada - e tu, ousarás
nascer outra vez?
algumas notas refletem imprecisas
os músculos orvalhados dizendo a floração
o horizonte na quebra da linha imaginada
depois me despeço desses finais
quando apoteoses são queridas, como se fosse
possível mapa translunar sobre vidro d'água
afluente com pedra ao fundo

a fumaça fenecendo o ar
funesto, fúnebre, furacão

performance: MULHER
datilografando mar adentro

ritos fúnebres

charneca
pode ser o nome do lugar

carniça
pode ser a imagem tomada de empréstimo

chapinhar
pode ser o verbo usado para escrever

chama
pode ser o método de aproximação

chão
pode ser o caminho de areia movediça

culpa
pode ser o resquício escondido nas palavras

chuva
pode ser o intervalo entre um verso e outro

chave
pode ser o motivo para guardar um segredo

caranguejo
pode ser quem dá com a língua nos dentes

corda
pode ser o parâmetro para esticar a escrita

cavalo
pode ser coruja, pássaro, prenúncio da noite

como
pode ser a tentação da metáfora

mas, de qualquer modo,

não há salvação

o rosto

Na tela contra a luz eu vi o rosto e calei
sobre a relva dois senhores olhando para nós
e onde longe era o dia, nossa pele
um tambor
numa espécie de clareira
desnuda ressoava.

Entre os troncos retorcidos
atrás da câmara e no terror do grande manto anunciado
os corvos como loucos rondavam o lugar.
Era o cheiro virulento
as estranhas sutilezas e a música
um zumbido
infernizando nossas feras nas grutas da cabeça.

Como a treva entre nós
e encostada à própria treva a parte fria
da cabeça
de óculos a mulher emergia lentamente
sentada no interior da carruagem em movimento.

Sobre o tempo esgarçada e com os dedos
em desalinho
novamente a mulher. Dentro e fora
a palavra, nossos erros rasgando
o rosto negro da floresta
enquanto dizem caminhar, enquanto dizem
e um homem
palita os dentes ao nosso lado.

Os fantasmas fulminantes
fulminados, movediços
as vísceras que ainda temos como a fonte mais temida
por eles os demônios do abjeto lodaçal
por eles que se fingem e fogem
foragidos
do grito da raposa anunciando nossa queda.

E debruçadas meditamos a escutar o que ela diz
e contempladas despimos as máscaras da virgem
e a pele nos varais secando o que dizer
quando a noite
pendurada
os emplastos para nós.

Uma raposa ou quase
por dentro das cortinas
pois eu sei o que sei, diz a voz obstinada.

Estamos todas maquiadas e prontas para entrar
cada uma à sua maneira com o fio e a faca
pois aqui, neste palco
a queda entre nós: o buraco e a cegueira
como um instante de clareza: um mergulho doloroso
na noite fria do idioma.

De sedução em sedução a solidão nos escorou.
Estamos fortes. É possível que a dor nos devolva os espelhos.
Nos ferimos e isto basta. Um dia voltaremos para colher o nosso
rosto.

escrivã

a primeira palavra que vem é

magnólia

ou então um embaraço, minha sujeição

tento observar o vago vocabulário vindo dessa noite limada dos
comprimidos
essa noite em que se experimenta outra vez o exército flamejante do

vazio

e não seria sincero dizer vazio, daí a magnólia
palavra propícia entre o toldo anafilático disso que se quer dizer

um cordão

uma corda bem bamba

famigerada e alucinatória

cheia de dispersos tons e dispersas reclamações

escritora não

uma mulher a escrever ou

uma fêmea escrevente, uma cisma

com seio e golpe de mão

bifurcando este teu talvez – uma menina

prática, afotografável

uma equilibrista com gaze nos joelhos

esta anfíbia clorofilada em jejum, esta moça

esta: toda enfeitada de vermelho

para dizer adeus

não rumino ainda as ciladas? Fica absorto

posso até dizer a primeira pessoa *aqui*, um sujeito *qualquer*

um índice, início de linha, como isto – *magnólia*

minha sujeição

entre tropeços e poças d'água

a geomancia do degredo (sempre

soubéssemos que conosco era gibão

e estribo, um incansável faroeste

far far west)

o que então desata em túneis, a tapar

o corpo cheio de mágoa

a memória em desalinho

ah

ah, parece um verso qualquer

querer dosar qualquer coisa nesta data

(nesta data precisa de novembro)

um redemoinho

uma gratuidade

Mas não é

cadáver I

os cantares de assombro
a cadela num cio a rasgar
a grama imprecisa de alaranjada cor
nisso a sutura das fibras nos tendões
a nos levar o sangue
e o sangue coalhado a nos levar
de volta às nossas mãos
tu abrigas em teu peito as gaivotas
queres o dia sem graxa, o dia enxuto - molhado de sal

o lume de teus pés formando labirintos
e a trança silvada em lamentos
mas sem chororô ou resmungos
não disseste? era isso -
o corpo mudo, muro
expansivo a povoar palavras
te espantas - luz em brasa
enquanto olhas, na fila de um supermercado

E os coelhinhos presos na virilha. Alma errante, princípio-
esperança? É tudo o que se quer, que se aceite de bom grado
essa usura, essa máscara de luz, esse precipício? Alice havia sido
uma criança aguda que acreditava na literatura. Penso
astrologicamente, isso é casa 12, sujeitos-líquens, ou outros
como tantos, marcados pelo tridente, que terão de revogar
muitos mares, oceanos inteiros, para quiçá gostar do que têm:
dolor. Leito sem beira.

cadáver V

procura na paisagem uma pista, para olhar
põe as tintas desdenhadas sobre a face
e entrega então o ecoar das conchas
carnívora, mas permissiva, adianto-me ao teu
mistério
desci até tuas nádegas, a espuma amanheceu
sobre teu o meu rosto
o abismo das transparências, fios movediços
ajoelho-me diante deste crisântemo
- diz a paisagem
entrego-me pensativa, vértice-vertigem
deponho os cheiros do nada
paro a atrapalhar o tempo, sigo nua
cavando a terra com as unhas
segredo entre colibris, vermelho e cala
ademais, amor, amor: coisa com calma
e pássaros na garganta



fió, fenda, falésia

autoras: Ferraz, Roberta; Huber, Renata; Zíngano, Érica
edição das autoras, 2010
com auxílio ProAc 2009 | secretaria da cultura do estado de são paulo
www.fiofendafalesia.blogspot.com

Érica Zíngano nasceu em Fortaleza (CE) em 1980. Escreve, faz trabalhos em artes visuais e doutorado em literatura. Mora em Lisboa. Com Renata Huber e Roberta Ferraz, publicou o livro *fió, fenda, falésia* (Ed. das autoras, 2010), com apoio do Prêmio ProAc, da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo. Reuniu alguns dos seus trabalhos no site *1000 e 1 notas (genéricas)*: <http://mileumanotas.wordpress.com/>

Roberta Ferraz, (escritora | SP | 1980) publicou *desfiladeiro* (2003, Ed. Nativa – esgotado); *lacrimatórios, enócoas* (2009, Ed. Oficina Raquel; livro vencedor do Prêmio Nascente USP/2008); *Dioniso e Ariadne* (2010, edição da autora); *fió, fenda, falésia* (2010, edição das autoras| ProAc 2009) e *desfiladeiro* (2011, Ed. Oficina Raquel). Escreve no blog Elêusis [www.eleusiana.blogspot.com]

Renata Huber, nasceu em São Paulo em 1976. Publicou com Érica Zingano e Roberta Ferraz o livro *fió, fenda, falésia* (Ed. das autoras, 2010), com apoio do Prêmio ProAc, da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo.